

Flavi Ferreira Lisboa Filho

Doutor em Comunicação. Professor do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e do Programa de Pós-Graduação Profissional em Patrimônio Cultural, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Coordenador do grupo de pesquisa de Estudos Culturais e Audiovisualidades. Pesquisador Bolsista do CNPq, nível 2.

E-mail: flavi@ufts.m.br

Farida Rabia Sequeteiro

Doutoranda em Comunicação Midiática na linha de pesquisa Mídia e Identidades Contemporâneas na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Graduada em jornalismo e mestre em comunicação empresarial e corporativa. Integrante do Grupo de pesquisa de Estudos Culturais e Audiovisualidades.

E-mail: farida.sequeteiro@acad.ufsm.br

Rafael Júnior

Mestrando em Comunicação midiática Universidade federal de Santa Maria (UFSM), na linha de pesquisa: Mídia e estratégias comunicacionais.
E-mail: juniorrafaelrafael92@gmail.com

Proibido envelhecer agora? A cultura da juventude e a pressão estética sobre corpos femininos nas redes sociais, TikTok

Is aging now forbidden? Youth Culture and Aesthetic Pressure on Female Bodies on Social Media, TikTok

¿Ahora está prohibido envejecer?
La cultura juvenil y la presión estética sobre los cuerpos femeninos en las redes sociales, TikTok

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo fazer uma análise da popularização atual a cultura da juventude nas redes sociais, especialmente no TikTok que tem sido uma das redes sociais mais usadas atualmente. Percebemos que tem crescido a produção e divulgação de conteúdos sobre saúde e beleza e com isso também uma crescente pressão estética sobre mulheres, principalmente com mais de 30 anos. A pesquisa adota uma abordagem qualitativa, baseada na análise de conteúdo de perfis femininos para explorar como essas mulheres navegam nas expectativas sociais impostas pela valorização da juventude. O referencial teórico inclui autores como Bordo, Feixa, Butler e Woodward, que oferecem uma base crítica para entender o etarismo, os padrões de beleza e a estigmatização do envelhecimento nas mídias digitais.

Palavras-chave: Cultura da Juventude; Pressão estética; Redes sociais; Etarismo; TikTok.

ABSTRACT

This article analyses the growing emphasis on youth culture on social media, focusing particularly on TikTok, one of today's most widely used platforms. There has been a notable rise in content related to health and beauty, leading to increasing aesthetic pressure on women's bodies, especially those over 30 years old. Through a qualitative approach based on content analysis of female profiles, the study investigates how these women navigate the social expectations linked to youth and appearance. The theoretical framework includes critical perspectives from authors such as Susan Bordo, Carles Feixa, Judith Butler, and Kath Woodward, who offer insights into ageism, beauty standards, and the stigmatization of aging in digital media.

Keywords: Youth culture; Aesthetic pressure; Social media; Ageism; TikTok.

RESUMEN

Este artículo analiza la creciente valorización de la cultura juvenil en las redes sociales, con especial atención a TikTok, una de las plataformas más populares en la actualidad. Se observa un aumento significativo de contenidos relacionados con la salud y la belleza, lo que ha intensificado la presión estética sobre los cuerpos femeninos, particularmente en mujeres mayores de 30 años. A través de un enfoque cualitativo basado en el análisis de contenido de perfiles femeninos, la investigación explora cómo estas mujeres enfrentan las expectativas sociales vinculadas a la juventud y la apariencia. El marco teórico se basa en autoras y autores como Susan Bordo, Carles Feixa, Judith Butler y Kath Woodward, cuyas aportaciones permiten comprender el edadismo, los estándares de belleza y la estigmatización del envejecimiento en los medios digitales.

Palabras clave: Cultura juvenil; Presión estética; Redes sociales; Edadismo; TikTok.

1. Introdução

Com a crescente popularização do uso das redes sociais, a sociedade contemporânea é marcada pela cultura digital que promove, constantemente, uma exaltação da juventude nos conteúdos que mais circulam nas redes sociais, e que são sempre os mais consumidos. Das diversas plataformas de redes sociais *online*, destacamos o TikTok pela sua crescente popularização e, consequentemente, vem se tornando uma grande arena de disputa simbólica, na qual padrões estéticos e comportamentais, muitas vezes restritos aos jovens, se tornam o ideal universal de beleza e sucesso, que quando aderidos por mulheres consideradas “fora” de padrão (principalmente relativos à idade) levanta chuva de críticas. Esse fenômeno, conhecido como “juvenilização da cultura” (Feixa, 2004, p. 33), não apenas glorifica a juventude, mas exerce uma pressão considerável sobre outras faixas etárias, especialmente sobre as mulheres. Neste contexto, estas mulheres enfrentam o desafio de corresponder aos ideais estéticos juvenis, enquanto lidam com as críticas e estigmatização associadas ao envelhecimento.

Deste modo, a presente pesquisa tem por objetivo analisar a influência das redes sociais na promoção de padrões estéticos juvenis e a consequente pressão sobre mulheres consideradas mais velhas, buscando compreender como TikTok molda as expectativas sociais e estéticas, e como essas plataformas afetam a autoimagem e identidade dessas mulheres. Assim, nossa preocupação é entender de que forma a cultura da juventude, promovida pelas redes sociais, exerce pressão estética sobre mulheres mais velhas e como isso influencia sua percepção de identidade e aparência.

Importa referenciar que percebemos esse tema como sendo atual e preocupante, pois as redes sociais têm se tornado onipresentes na vida contemporânea e, muitas vezes, moldam a experiência de envelhecimento para as mulheres. Como afirma Woodward (1999, p. 19), o envelhecimento é, cada vez mais, uma experiência culturalmente construída e profundamente influenciada pela mídia. Ao investigar como mulheres são afetadas por padrões estéticos impostos pelas redes sociais, este artigo busca contribuir para o debate sobre etarismo e a resistência às normas de juventude que permeiam essas plataformas.

Para efeitos da pesquisa, o estudo é baseado na Análise Cultural-Midiática, de Raymond Williams (2003), que é uma metodologia usada pelo grupo de pesquisa Estudos Culturais e Audiovisualidade da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), com suporte da análise de conteúdo com uma abordagem qualitativa.

Na análise feita por Steffen et al (2020) a teoria cultural desenvolvida por Williams (1979) fornece bases epistemológicas que ajudam no desenvolvimento de percursos metodológicos onde a cultura ocupa posição central na pesquisa. Assim,

a primeira seria da tradição seletiva, visto como uma versão da tradição histórica que é intencionalmente escolhida de um passado modelador, perpetuada pelas pressões e limites hegemônicos. A estrutura de sentimento, que vai mostrar de forma clara as dimensões residuais, emergentes e dominantes que coexistem na sociedade, as quais conferem ao processo social um caráter dinâmico, contestatório e variável (Steffen et al, 2020, p. 25).

A estrutura de sentimento é vista como um método de análise que compõe as categorias dominante; residual e emergente. Assim, a dominante seriam os elementos hegemônicos de uma cultura, as relações que se estabelecem entre elas e como umas predominam sobre as outras; residuais práticas que surgem e são substituídos ou mesclados por outras, mas com resquícios e vestígios de características de práticas passadas; o residual são práticas que resistiram à cultura dominante e ainda operam no presente.

Para entender esse procedimento teórico-metodológico, assim como explicam Steffen et al (2020) é preciso aprofundar o conceito de cultura na visão de Williams. De acordo com Williams (1992, p. 11) citado por Steffen et al (2020, p.26), a cultura

compreende sentidos diversos, [...] desde um estado mental desenvolvido – como em ‘pessoa de cultura’, ‘pessoa culta’, passando pelos processos desse desenvolvimento – como em ‘interesses culturais’, ‘atividades culturais’, até os meios desses processos – como em cultura considerada como as artes e o trabalho intelectual do homem. Em nossa época é o sentido geral mais comum, embora todos eles sejam usuais. Ele coexiste com o uso antropológico e o amplo uso sociológico para indicar ‘modo de vida global’ de determinado povo ou de algum outro grupo social (Steffen et al, 2020, p. 26).

Desta feita, Williams (2003) apresenta três níveis de cultura: Cultura vivida, que é presencial; Cultura registrada, que são as obras de arte, vídeos, documentos, entre outros; e, por último, a Cultura da tradição seletiva, que funciona como um mecanismo de resgate e incorporação de práticas do passado no presente.

Nesta pesquisa, com base no circuito de Williams da cultura vivida e registada, percebemos que as estruturas de sentimento de caráter emergente sobre a cultura da juventude são bastante fortes na sociedade atual. Através do recorte da cultura registrada (perfis de TikTok) é possível verificar que as práticas de etarismo associada a beleza e saúde são frequentes, nas quais mulheres mais velhas muitas vezes sofrem críticas sobre seu corpo, roupa ou maquiagem por não serem considerados adequados para sua “idade”. Junto da análise de conteúdo, foi realizada a pesquisa em 10 perfis de mulheres TikTok, focando na adoção de tendências juvenis e no impacto dessas práticas em suas interações sociais e visibilidade.

A análise segue os princípios de Bardin (2016, p. 62), que orienta a codificação e categorização dos dados de forma a identificar padrões de discurso relacionados à pressão estética, aceitação do envelhecimento e autoimagem. Assim, aplicamos o seguinte procedimento: pré-análise: definição dos perfis a serem analisados, delimitação dos conteúdos (postagens relacionadas à beleza, saúde e juventude) e levantamento de uma amostra significativa de comentários; exploração do material: nesta fase, coletamos e categorizamos as postagens dos perfis de TikTok, dividindo-as em temas como beleza, saúde e juventude.

Além disso, coletamos os comentários que expressam sentimentos de envelhecimento e juventude, bem como as críticas ao processo de envelhecimento; tratamento dos resultados: identificação das narrativas centrais em relação à juventude, beleza e saúde, além da análise dos discursos nos comentários. Fizemos um levantamento das críticas ao envelhecimento e

elogios à juventude, buscando entender as dinâmicas simbólicas de valorização de um corpo jovem e o impacto disso sobre as mulheres mais velhas.

2. Referencial teórico

A cultura da juventude e a pressão estética exercida sobre os corpos femininos são fenômenos intensificados pelas redes sociais, especialmente no TikTok, onde tendências virais promovem padrões de beleza idealizados. O culto à juventude e a rejeição do envelhecimento se manifestam em filtros digitais, desafios estéticos e discursos de autoaperfeiçoamento.

A sociedade contemporânea valoriza a juventude como sinônimo de beleza, sucesso e aceitação social (Featherstone, 1991). Com a ascensão das redes sociais, essa cultura se intensificou, criando um ambiente no qual o envelhecimento feminino é problematizado e combatido através de cosméticos, procedimentos estéticos e filtros digitais (Gill, 2007). No TikTok, vídeos de transformação e desafios como “10 anos mais jovem” reforçam essa estética juvenil como padrão desejável (Duffy e Hund, 2019).

O conceito de “capital visual” de Tiidenberg (2018) explica como as redes sociais reforçam a autoapresentação baseada em padrões estéticos idealizados. No TikTok, criadores de conteúdo utilizam filtros de embelezamento e técnicas de edição para moldar a percepção de si mesmas e atender às expectativas da audiência (Marwick, 2015). Esse fenômeno está ligado ao que Wolf (1991) chamou de “mito da beleza”, no qual as mulheres são constantemente avaliadas e pressionadas a manter um corpo jovem e atraente.

A tecnologia dos filtros de embelezamento cria um padrão artificial e inatingível de beleza, resultando no fenômeno da “dismorfia dos filtros” (Fardouly e Vartanian, 2016). No TikTok, filtros como “Glow Look” e “Teen Filter” geram imagens idealizadas, incentivando a busca por procedimentos estéticos reais para corresponder a essa versão digitalizada de si mesmas (Orbach, 2019). Esse processo evidencia a influência dos algoritmos na construção da identidade corporal e na perpetuação da pressão estética (Elias e Gill, 2018).

As mulheres enfrentam um duplo padrão em relação ao envelhecimento: enquanto os homens muitas vezes são vistos como mais charmosos e respeitáveis ao envelhecer, as mulheres são pressionadas a manter uma aparência jovem (Bordo, 1993). No TikTok, essa disparidade se manifesta na popularidade de conteúdos sobre skincare intensivo, harmonização facial e até intervenções cirúrgicas precoces para evitar rugas e sinais de envelhecimento (McRobbie, 2009).

Para Feixa (2004, p. 52), a cultura da juventude emerge como um fenômeno complexo, na qual os jovens não são apenas sujeitos passivos, mas também produtores de significado. O autor afirma que a juvenilização cultural não deve ser compreendida como uma simples imposição, mas como um processo no qual a juventude é ressignificada constantemente. Nas redes sociais, essa cultura ganha novas formas, já que os jovens atuam como influenciadores, moldando comportamentos e estéticas que acabam sendo adotados por outras faixas etárias, inclusive por mulheres com mais de 40 anos. A “cultura da juventude”, nesse sentido, é construída pela dinâmica relacional entre juventude e outros grupos etários, que, ao se apropriarem dessas estéticas juvenis, reafirmam a hegemonia cultural da juventude.

Bordo (2003, p. 23) discute que a pressão pela aparência jovem e esbelta, disseminada pelos meios de comunicação de massa ao longo do século XX, se intensificou na era digital.

Plataformas como Instagram e TikTok amplificam esse fenômeno, uma vez que promovem padrões de beleza inalcançáveis por meio de filtros e edições, ao mesmo tempo em que vendem a ideia de juventude eterna. Bordo argumenta que essa exaltação da juventude provoca uma estigmatização do envelhecimento, particularmente entre as mulheres, que são culturalmente ensinadas a valorizar sua aparência física e a sua juventude acima de outras qualidades (Bordo, 2003, p. 25).

Woodward (1999, p. 34) chama a atenção para o fato de que o envelhecimento, especialmente no caso das mulheres, é um processo carregado de estigmas e expectativas sociais. A autora afirma que “o envelhecimento feminino é culturalmente construído como uma forma de declínio”, o que coloca essas mulheres em uma posição de vulnerabilidade diante das redes sociais, nas quais a juventude é o padrão de excelência. As mulheres que tentam adotar as tendências da cultura juvenil, como o uso de roupas mais modernas ou a participação em desafios populares nas plataformas, muitas vezes enfrentam críticas por “tentarem parecer jovens”, sendo rotuladas como inautênticas ou deslocadas.

Nesse sentido, o etarismo, conceito desenvolvido por Butler (1969, p. 243), é fundamental para entendermos as dinâmicas de exclusão que permeiam a cultura da juventude nas redes sociais. Butler (1969) define o etarismo como a discriminação baseada na idade, frequentemente direcionada a indivíduos mais velhos que não se enquadram nos padrões de comportamento ou aparência considerados apropriados para sua faixa etária. No caso das redes sociais, esse fenômeno se manifesta por meio de comentários críticos, pejorativos, memes ou estereótipos que zombam de mulheres mais velhas que tentam se adequar às normas estéticas juvenis. O etarismo digital, portanto, reforça as divisões geracionais e desvaloriza a experiência do envelhecimento, promovendo a ideia de que a juventude é o único momento da vida que merece visibilidade e valorização.

Ademais, o conceito de “age performativity”, inspirado na teoria de performatividade de gênero de Judith Butler (1999, p. 179), pode ser aplicado à forma como a juventude é performada nas redes sociais. Assim como o gênero é um conjunto de performances sociais que reiteram normas culturais, a juventude também pode ser vista como uma performance na cultura digital. As mulheres com mais de 40 anos, ao adotar roupas, comportamentos e estéticas típicas da juventude, estão engajadas em uma forma de performance identitária que tenta desafiar as normas etárias tradicionais. No entanto, como destaca Butler (1999), essas performances nem sempre são subversivas, pois frequentemente acabam reforçando os próprios padrões que pretendem questionar (Butler, 1999, p. 183). No caso das redes sociais, a tentativa de parecer jovem pode, paradoxalmente, reforçar a noção de que apenas a juventude é desejável, em vez de abrir espaço para a valorização de outras formas de envelhecimento.

A cultura juvenil nas redes sociais também se relaciona com o conceito de “tecnologias do eu” de Foucault (2008, p. 37). Essas tecnologias se referem às formas pelas quais os indivíduos, sob a influência de normas sociais, moldam seus corpos e identidades. No contexto das redes sociais, as tecnologias do “eu” se manifestam no uso de filtros, retoques digitais e a aderência a modas que perpetuam a aparência jovem. As mulheres mais velhas, ao adotarem essas práticas, estão participando de uma forma de autocuidado que, na verdade, reflete as exigências de uma sociedade que valoriza o visual juvenil. Para Foucault (2008), essas práticas de autocuidado não são neutras, pois estão imbricadas em relações de poder que moldam a

subjetividade e o corpo dos indivíduos. Assim, ao utilizar as redes sociais para aderir à cultura da juventude, essas mulheres estão, em última instância, reafirmando as normas culturais que desvalorizam o envelhecimento (Foucault, 2008, p. 41).

Nas redes sociais, a juvenilização se manifesta por meio da promoção de tendências estéticas e de estilo de vida que privilegiam corpos jovens, atléticos e “sem idade”. Feixa (2004, p. 33) argumenta que a proliferação desses padrões está diretamente ligada à visibilidade que as redes sociais proporcionam, gerando uma espécie de “culto à juventude” em que as características de jovialidade são constantemente reforçadas como desejáveis e universais.

Essa imposição de juventude como valor central é amplificada pelas plataformas de mídia visual como Instagram e TikTok, que oferecem ferramentas como filtros e edições que suavizam sinais de envelhecimento. Como observa Foucault (2008, p. 41), a visibilidade não é apenas uma forma de expressão, mas também uma forma de controle; ao se tornarem visíveis nas redes sociais, essas mulheres são sujeitas a uma “normalização” estética que valoriza a juventude e rejeita a idade.

2.1. Pressão estética e padrões de beleza na contemporaneidade

A pressão estética sobre o corpo feminino é um fenômeno amplamente estudado, mas, sua intensificação nas redes sociais, particularmente entre mulheres mais velhas, ainda requer maior atenção. Como argumenta Susan Bordo (2003, p. 20), a mídia ocidental construiu, ao longo do século XX, uma estética do corpo magro e jovem como padrão de beleza feminino. Nas plataformas digitais, essa estética é amplificada de maneira sem precedentes, criando uma demanda para que mulheres, independentemente da idade, mantenham uma aparência que se aproxime desses ideais.

Bordo (2003, p. 25) destaca que a natureza visual das redes sociais aumenta a pressão para que mulheres estejam sempre “em forma”, física e esteticamente, reforçando o ciclo de comparação e ansiedade corporal. Em vez de permitir uma pluralidade de representações corporais, as redes sociais tendem a padronizar os corpos, favorecendo os mais jovens e esguios, o que gera uma insatisfação constante entre mulheres com mais de 40 anos que, naturalmente, experimentam mudanças físicas com o passar do tempo.

Bordo (2003, p. 25) argumenta que a cultura ocidental moderna tem uma obsessão com o corpo feminino, que é construído como um “projeto estético” a ser constantemente moldado, disciplinado e controlado. Ela enfatiza que o corpo feminino é um campo de batalha no qual a beleza se torna uma moeda de troca simbólica e social. A juventude, como um dos principais marcadores de beleza na contemporaneidade, é particularmente exaltada nas redes sociais, nas quais influenciadoras e celebridades frequentemente se tornam modelos a serem seguidos. No entanto, o resultado dessa ênfase excessiva na aparência juvenil é uma estigmatização do envelhecimento, que é visto como uma falha ou inadequação a ser corrigida. Isso é especialmente visível em plataformas como Instagram, onde filtros de beleza e retoques digitais oferecem a possibilidade de apagar virtualmente os sinais de envelhecimento, promovendo uma estética irreal e inatingível.

Featherstone (1991, p. 171) argumenta que a sociedade contemporânea promove uma “cultura do consumo” em que o corpo se torna um objeto de constante exibição e melhoria. No contexto das redes sociais, essa cultura do consumo inclui a comercialização de produtos e tratamentos anti-envelhecimento, que prometem restaurar a juventude perdida. A pressão para aderir a esses padrões é exacerbada pelas interações sociais nas plataformas, nas quais a aceitação e validação são frequentemente baseadas na aparência física. Como resultado, muitas mulheres de mais de 40 anos se sentem compelidas a recorrer a essas tecnologias para corresponder às expectativas estéticas da sociedade.

Woodward (1999, p. 34) discute como o envelhecimento feminino é marcado por uma pressão social mais intensa, na medida em que o corpo da mulher é objetificado de forma diferenciada ao longo do ciclo da vida. Se, por um lado, a juventude é exaltada e associada à beleza, vitalidade e desejo, o envelhecimento feminino é percebido como um processo de “perda” dessas qualidades. No caso das mulheres de mais de 40 anos, o desafio se agrava pelo fato de que elas se encontram em uma fase de vida em que a sociedade espera que abandonem as aspirações estéticas e aceitem o “declínio”. Entretanto, nas redes sociais, essa dinâmica é invertida: muitas dessas mulheres recorrem à cultura juvenil para desafiar essas normas e demonstrar que a beleza e a vitalidade não precisam ser exclusivas da juventude.

Por outro lado, autores como Gill (2007, p. 149) discutem a noção de “autossurveillance” e como as redes sociais estimulam as mulheres a se auto-objetificarem, internalizando a pressão de se adequar aos padrões estéticos impostos pela sociedade. Gill sugere que, na era digital, as mulheres não apenas estão sujeitas ao olhar do outro, mas também se tornam vigilantes de seus próprios corpos, constantemente se comparando a outros e buscando aprovação por meio de curtidas e comentários. Essa autovigilância perpetua a conformidade com os padrões de beleza, mesmo quando as mulheres mais velhas tentam adotar práticas que desafiem a noção de que a juventude é o único período de beleza.

A teoria de Giddens (1991, p. 109) sobre a reflexividade também se aplica a esse cenário, na medida em que os indivíduos nas sociedades modernas estão cada vez mais envolvidos em um processo de “autoconstrução”, utilizando as plataformas digitais como espelhos sociais. As mulheres com mais de 40 anos, ao participarem das redes sociais e se engajarem em tendências de moda e beleza voltadas para a juventude, estão participando de um processo de autorreflexão, no qual suas identidades são continuamente negociadas e reformuladas à luz das normas culturais e estéticas dominantes. Esse processo reflexivo, contudo, é frequentemente moldado pelas pressões sociais, o que limita as possibilidades de resistência e inovação no que diz respeito à aceitação do envelhecimento.

O conceito de “disciplinamento do corpo”, como proposto por Foucault (2008, p. 34), também é relevante para a compreensão dessas pressões estéticas. Foucault descreve como os corpos são moldados por normas sociais e práticas de poder que visam torná-los dóceis e produtivos. Nas redes sociais, as mulheres são incentivadas a disciplinar seus corpos, não apenas por meio da adoção de padrões de beleza juvenil, mas também pelo controle de sua apresentação visual. O uso de filtros e a manipulação digital da imagem são exemplos de como os corpos femininos são conformados às expectativas estéticas da sociedade. Essas práticas refletem um desejo de “domesticar” o corpo envelhecido, tornando-o mais aceitável no espaço digital, onde a juventude e a beleza são valorizadas acima de tudo.

2.2. Etarismo e a estigmatização do envelhecimento

O conceito de etarismo, desenvolvido por Butler (1969, p. 243), refere-se à discriminação baseada na idade, muitas vezes expressa na forma de desprezo ou estigmatização do envelhecimento. No contexto das redes sociais, o etarismo assume formas sutis, mas poderosas, como a ridicularização ou invisibilização de mulheres que não se encaixam nos padrões estéticos juvenis. Essa discriminação está profundamente enraizada nas normas culturais que associam valor social à juventude e desvalorizam o envelhecimento, especialmente no caso das mulheres.

Butler (1969, p. 12), ao cunhar o termo “ageism” (etarismo), argumenta que a discriminação contra os mais velhos é tão perniciosa quanto outras formas de opressão, como o racismo e o sexism. Para ele, o envelhecimento é percebido de forma negativa em sociedades ocidentais, sendo associado à perda de beleza, vitalidade e utilidade. No ambiente das redes sociais, essa discriminação é ainda mais evidente, pois plataformas como Instagram e TikTok são espaços onde a juventude e o “capital estético” são constantemente promovidos como símbolos de status e relevância.

A estigmatização do envelhecimento está enraizada em uma cultura que valoriza o novo, o moderno e o jovem. Conforme Gillear e Higgs (2000, p. 26), a “cultura da juventude” define a maneira como o corpo envelhecido é visto como algo a ser evitado ou até “corrigido”. Os autores destacam que, com o avanço das tecnologias de rejuvenescimento como cosméticos, procedimentos cirúrgicos e o uso de filtros digitais nas redes sociais, a sociedade contemporânea está cada vez mais obcecada em apagar os sinais de envelhecimento, criando a ilusão de que a juventude pode ser eternamente mantida. Para as mulheres, isso representa uma dupla opressão: além de serem constantemente avaliadas por sua aparência, são também pressionadas a permanecerem jovens, independentemente de sua idade cronológica.

Laslett (1989, p. 101) explora como as fases da vida, especialmente o envelhecimento, são socialmente construídas, e argumenta que o etarismo é uma forma de controle social que visa regular os comportamentos apropriados para cada faixa etária. No caso das mulheres de mais de 40 anos, a cultura digital muitas vezes reforça a ideia de que a visibilidade e o valor estético são prerrogativas da juventude, marginalizando as experiências e aparências que não correspondem a esse ideal. Isso se reflete nas interações sociais online, onde mulheres mais velhas podem ser vistas como “fora de lugar” ao adotar tendências de moda, comportamento ou estética associadas aos mais jovens.

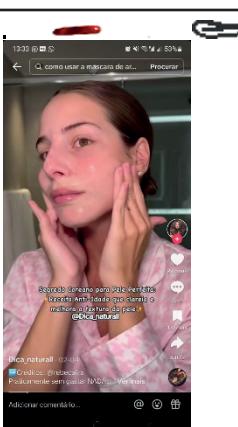
As redes sociais, segundo O’Neil (2020, p. 77), são espaços que perpetuam uma cultura de vigilância e comparação. As mulheres mais velhas que buscam participar de tendências juvenis, como o uso de certos tipos de vestimenta, maquiagem ou mesmo linguagem, muitas vezes enfrentam críticas por “não agirem conforme sua idade” ou por tentarem “competir” com mulheres mais jovens. Esse policiamento do comportamento feminino com base na idade é uma manifestação clara de etarismo. Para O’Neil, a estética e o comportamento “apropriado” para a idade são construções sociais que visam manter o controle sobre o corpo feminino, especialmente à medida que as mulheres envelhecem.

Susan Sontag (1972, p. 36) discute a “dupla moral do envelhecimento”, em que homens são frequentemente vistos como “mais atraentes” ou “mais sábios” à medida que envelhecem,

enquanto as mulheres são rotuladas como “velhas” ou “fora de moda”. Esse contraste se reflete nas redes sociais, nas quais homens mais velhos muitas vezes mantêm uma presença de prestígio, enquanto as mulheres mais velhas são criticadas ou ignoradas. Essa disparidade é um reflexo de uma cultura patriarcal que valoriza o corpo feminino apenas enquanto ele permanece jovem e desejável. Sontag conclui que, para as mulheres, o envelhecimento é visto como uma perda de valor, tanto social quanto estético, o que torna o etarismo uma questão de gênero profundamente entrelaçada com a pressão estética.

Tulle (2008, p. 213) explora a relação entre corpo, envelhecimento e poder, observando que o envelhecimento é frequentemente associado à perda de autonomia e controle sobre o próprio corpo. Nas redes sociais, isso é particularmente evidente nas maneiras pelas quais as mulheres são pressionadas a “manter a juventude” para continuar sendo vistas como socialmente valiosas. Essa pressão estética, no entanto, reforça o controle patriarcal, pois as normas de beleza e juventude são estruturadas de forma a manter as mulheres em um ciclo constante de autovigilância e autocorreção.

3. Discussão: análise do conteúdo dos perfis femininos no TikTok

Perfil	Conteúdo	Comentários
	Vídeo sobre como se manter bonita e não envelhecer	<p>569 comentários</p> <p>pri_canova... definhandoo... não estou gostando de envelhecer... 2023-08-02 Responder 12 Exibir 3 respostas</p> <p>Cualita Madrileña devo ser de outro planeta pq estou com 65 feliz da vida, plena, amando!!!! 2023-08-06 Responder 3 Exibir 2 respostas</p> <p>Vilma M Lima Tenho muito medo, não quero dar trabalho pra minha filha envelhecer é uma m... 2023-08-02 Responder 11 Exibir 1 resposta</p> <p>Adicionar comentário... @</p>
	Dicas de como parecer 10 anos mais jovem	<p>Procurar: Resveratrol</p> <p>346 comentários</p> <p>imarinadeiro com que dinheiro??? 2024-10-08 Responder 1 Exibir 1 resposta</p> <p>Gabriela Araújo O bioestimulador é injetável certo? Entre ele e o laser liftera, qual é mais indicado para bigode chinês? 2024-07-23 Responder 1</p> <p>Dra Nicoli Valério - Criador Simm, é injetável. Indico bioestimulador mesmo 2024-07-23 Responder 2</p> <p>Adicionar comentário... @</p>

Segredo de beleza para parecer mais jovem

907 comentários

Gabriela Costa
Porque ninguém está comentando que ela tem cara de 22?
2024-03-01 Responder 1.265

Patrícia Lazzarotto
cara eu tenho 45 e hoje mais velha eu tô me amando muito mais... Mas eu entendi seu trauma e pensamento sinto muito
2024-03-01 Responder 201

_erikaeloaaa
Nós que sempre fomos babaricadas dela

Flavia de franco
Eu tenho desde os 17! Ja me sentia velha com 17, doidice né?
2024-03-01 Responder 100

Vanessa Galdino
Eu tbm tenho! Acredito que seja pq parece

Curitiba 22.08 visualizações em publicações deste lugar

907 comentários

eu tb tenho MUITO medo de envelhecer. coincidencia ou não, meu pai traía minha mãe com adolescente, e hoje a namorada dele tem praticamente minha idade
2024-03-04 Responder 19

Flavia de franco
Eu tenho desde os 17! Ja me sentia velha com 17, doidice né?
2024-03-01 Responder 100

Vanessa Galdino
Eu tbm tenho! Acredito que seja pq parece

Curitiba 22.08 visualizações em publicações deste lugar

907 comentários

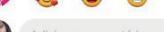
Eu TINHA medo de envelhecer, até ver minha mãe com 40 e me sentir velha. Hoje cada ano é um PRESENTE! Pode crer.
2024-03-01 Responder 768

kelvinne oliveira
também medo de envelhecer e perder minha beleza, o que a terapia faz sobre isso ?
2024-03-01 Responder 425

Gabriela Costa
Porque ninguém está comentando que ela

Vanessa Galdino
Eu tbm tenho! Acredito que seja pq parece que não vou ser mais necessária! Parece que depois de um tempo, nos tornamos "ultrapassada", a mulher não é mais desejável, não é a melhor opção para um trabalho...

Aurora
eu tenho medo de envelhecer desde criança...
2024-08-17 Responder 3

	<h3>Segredo para não envelhecer</h3>	<p>569 comentários X</p> <p>Exibir 11 respostas ▾</p> <p> nazarelinica Acabei de escrever um texto sobre o que venho enfrentando. Sinto-me como um produto fora de linha para o qual não se encontra peças de reposição.</p> <p>2023-08-02 Responder  91 </p> <p>Exibir 8 respostas ▾</p> <p> silviapereira5050 Falou tudo ,vou fazer 50 e só penso no pouco tempo que teme resta envelhecer dói no corpo e na alma</p> <p>2023-08-02 Responder  65 </p> <p>Exibir 7 respostas ▾</p> <p> irismarta04</p> <p></p> <p> Adicionar comentário...   </p>
	<h3>Como mudar a aparência e se tornar mais bonita</h3>	<p>346 comentários X</p> <p>eu esperando ela falar sobre beber agua, se alimentar bem, fazer exercícios físicos com qualidade, estar em dia com os exames de rotina...  fora que o corpo todo envelhece n só rosto enfim...</p> <p>2024-08-14 Responder  17 </p> <p> Dra Nicoli Valério - Criador Falei isso em um vídeo separado (fatores extrínsecos do envelhecimento) </p> <p>2024-08-14 Responder  4 </p> <p>Exibir 2 respostas ▾</p> <p> Sobre a genética minha mãe tem a pele sem uma estria sequer e eu sou CHEIA de estrias</p> <p></p> <p> Adicionar comentário...  </p> <p>346 comentários X</p> <p>To vendo que vou ter que trabalhar com a minha autoaceitação </p> <p>2024-07-24 Responder  358 </p> <p> Dra Nicoli Valério - Criador KKKKKKKKKK as vezes é melhor né</p> <p>2024-07-24 Responder  43 </p> <p>Exibir 2 respostas ▾</p> <p> Nalú Eu vi uma dermatologista falando que o retinol envelhece</p> <p>2024-08-27 Responder  4 </p> <p> Dra Nicoli Valério - Criador</p> <p></p> <p> Adicionar comentário...  </p>

Como parecer mais jovem

473 comentários

Diana Almeida
Tenho cara de mais nova, isso significa que minhas células estão mais lentas?
2024-05-16 Responder

Bárbara Herc - Criador
Vc não tem sinal de envelhecimento, pode ser pela qualidade da sua pele sim, ou outros fatores
2024-05-16 Responder

Larissa Polli
eu tenho uma amiga de 23 anos que mds. a menina não toma sol, bebe tanta água e come MT bem, mas tem mta, mta linha de expressão. E eu sou o contrário, porém a pele perfeita é firme.

Exibir 7 respostas

Adicionar comentário...

Procurar: Resveratrol*

346 comentários

Dhebora Coutinho
vitamina c da principia e da creamy me deram espinha, eu não posso usar vitamina c?
2024-07-23 Responder

Dra Nicoll Valério - Criador
Fica só no Resveratrol entãooo
2024-07-23 Responder

Adicionar comentário...

Beleza não tem padrão

Onde a Paz Prevalece Templo
São Paulo - Descobre mais

456 comentários

Jane Bza★
Verdade. **Vanessa Rozan**, falta mais gente com a sua empatia na mídia social.

2023-05-07 Responder 3

Eimy
Quanta inteligência ❤️

2023-05-06 Responder 4

Exibir 2 respostas ▾

nunesmaysa
Não consigo me achar bonita de jeito nenhum, mas antes eu já sofri demais, hj em dia já me aceito mais.

2023-05-07 Responder 3

Adicionar comentário...

Onde a Paz Prevalece Templo
São Paulo - Descobre mais

456 comentários

Letícia
Vanessa eu sinto uma angústia enorme em envelhecer ... é estranho ver a pele mudar

2023-05-06 Responder 405

Exibir 19 respostas ▾

FrancikaeBrenda
Vanessa super necessaria.. sempre maravilhosa 😊

2023-05-06 Responder 117

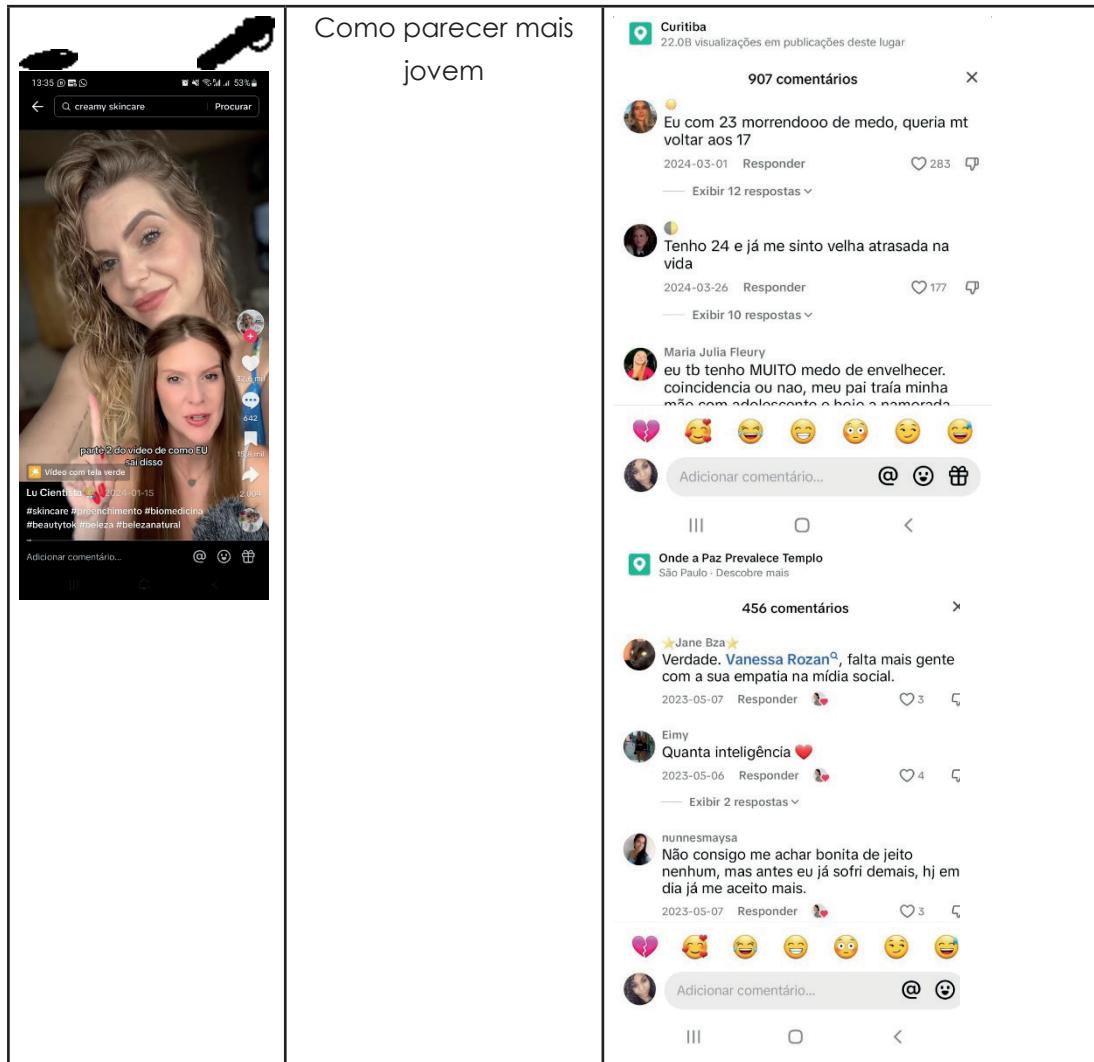
Exibir 2 respostas ▾

@marabaroni
Sou psicanalista e atendo muitas mulheres angustiadas e depressivas devido a pressão social e cultural.

2023-05-06 Responder 117

Adicionar comentário...

	<h3>Dicas de como parecer mais jovem</h3>	<p>473 comentários</p> <p> Diana Almeida Tenho cara de mais nova , isso significa que minhas células estão mais lentas ?</p> <p>2024-05-16 Responder  31 </p> <p>— Exibir 7 respostas ▾</p> <p> Bárbara Herc - Criador Vc não tem sinal de envelhecimento, pode ser pela qualidade da sua pele sim, ou outros fatores</p> <p>2024-05-16 Responder  26 </p> <p>— Exibir 7 respostas ▾</p> <p> Larissa Polli eu tenho uma amiga de 23 anos que mds. a menina não toma sol, bebe tanta água e come MT bem, mas tem mtq, mtq linha de expressão. E eu sou o contrário, porém a pele perfeita é firme. ❤️</p> <p></p> <p> Adicionar comentário...   </p>
---	---	---



3.1. Análise do conteúdo dos perfis

Foram analisados 10 perfis de conteúdos dedicados a cuidados femininos diários sobre beleza, bem-estar, saúde, e principalmente culto à juventude. Nesses vídeos, a maioria das “influenciadoras” procura reafirmar a ideia de que juventude não está associada apenas à idade cronológica, mas à maneira como cada pessoa se cuida e se apresenta ao mundo. Os vídeos mostram dicas de cuidados com a pele, rotinas de exercícios, moda e tendências de beleza, muitas vezes comparando com práticas adotadas por mulheres mais jovens.

Ao acompanhar conteúdos nesses perfis, as dicas, abordagem e o nicho do conteúdo revelam que a pressão estética exercida sobre mulheres é multifacetada. De um lado, assistimos à crescente indústria de beleza que promove produtos e rotinas anti-envelhecimento, sugerindo que é possível “parar o tempo”. Por outro lado, essa pressão vem dos próprios usuários das redes sociais, que muitas vezes impõem padrões juvenis para todas as idades, criticando quem parece “não estar de acordo com o padrão ou idade”.

Como já argumentava Lipovetsky (2015), atualmente vivemos na era do “narcisismo estético”, na qual o corpo e a aparência se tornaram bens essenciais no mercado simbólico contemporâneo. A questão do envelhecimento, nesse contexto, é percebida como uma

falha a ser corrigida, e não como um processo natural da vida. Isso reflete a busca incessante pelo ideal de juventude, mesmo que ilusório.

Já o etarismo, por sua vez, aparece na maneira como o envelhecimento é tratado nas redes sociais. Percebemos aqui que a velhice é muitas vezes associada à decrepitude e inutilidade, evidenciando que os estereótipos ainda são muito arraigados na sociedade. Tanto nos perfis analisados quantos nos outros observados aleatoriamente, percebemos que o TikTok, alimenta a pressão estética e os padrões de beleza de maneira ampla e contínua, sobretudo quando se trata de conteúdos que exaltam a juventude como sinônimo de sucesso e bem-estar.

Nos perfis analisados, a pressão para aderir a padrões juvenis é evidente, pois muitas das influenciadoras se preocupam em manter uma aparência “jovem”, parecer “10 anos mais jovem”, “parar com o envelhecimento” mesmo na maturidade, oferecendo dicas e rotinas que visam suavizar os sinais do envelhecimento. Os perfis postam regularmente vídeos com tutoriais sobre maquiagem, moda e cuidados com a pele que prometem uma aparência mais jovem, gerando engajamento significativo, com milhares de comentários de mulheres buscando formas de se sentirem mais jovens. O que nos chama atenção nesses conteúdos, é que ao mesmo tempo que promovem o autocuidado e a autoestima, eles também reforçam a ideia de que envelhecer é algo a ser combatido.

Na mesma linha, Lipovetsky (2015), já argumentava que a indústria da beleza contemporânea explora o desejo de permanecer jovem, oferecendo uma infinidade de produtos e soluções estéticas que prometem parar o tempo e com plataformas como o TikTok, essa lógica se reflete nos conteúdos que incentivam o uso de cremes anti-envelhecimento, procedimentos estéticos e técnicas de maquiagem que prometem “revitalizar” a aparência. Um dado importante é de que esse fenômeno não se limita apenas a mulheres jovens, mas também afeta mulheres mais velhas que, ao tentar seguir essas tendências, acabam por internalizar a pressão estética.

Este estudo nos mostra que a cultura digital atual, impulsionada pelas redes sociais, é marcada por um intenso culto à juventude. Nesse contexto, vimos que a juventude não é apenas uma fase da vida, mas está se tornando um símbolo de vitalidade, atratividade e relevância social. Os perfis analisados muitas vezes reproduzem esse culto à juventude, seja por meio da adoção de tendências de moda e maquiagem típicas de jovens, ou pela promoção de práticas que buscam rejuvenescer a aparência. Nesse sentido, percebemos que essa nova dinâmica se enquadra ao que Featherstone (2001) chama de “cultura do corpo”, na qual o corpo é visto como um projeto pessoal, algo a ser constantemente moldado e aprimorado para atender aos ideais de beleza vigentes. Assim, nos conteúdos analisados no TikTok, percebemos que a juventude é sinônimo de corpo saudável, bonito e desejável, enquanto o envelhecimento é muitas vezes tratado como um processo indesejável que deve ser minimizado ou ocultado.

3.2. Análise dos comentários

Nos comentários dos vídeos desses perfis, aparecem duas linhas principais de discurso:

1. Mulheres que se sentem velhas: Muitas usuárias se identificam com as influenciadoras e

expressam sentimento de insegurança com o envelhecimento. Frases como “me sinto mal por envelhecer” ou “gostaria de voltar a ter 17 anos” são comuns e isso demonstra uma autoimagem negativa e a influência da pressão estética sobre essas mulheres.

2. Críticas ao Envelhecimento e Exaltação da Juventude: Há também comentários que refletem uma desvalorização do envelhecimento, com elogios à juventude e críticas veladas ao corpo e estilo de mulheres maduras. Comentários como “essa sobrancelha mostra que você tem mais de 40 anos” ou “a mulher jovem e consegue tudo o que quer” ou ainda “esse corte de cabelo não é para sua idade” indicam a norma social de envelhecer discretamente e o preconceito que ainda existe contra mulheres que quebram essa expectativa.

Analisando esses comentários, percebemos que eles reforçam o conceito de etarismo e como ele afeta a percepção das mulheres mais velhas, que se sentem compelidas a seguir padrões estéticos associados à juventude. Ao mesmo tempo, os elogios à juventude refletem a cultura contemporânea de culto ao corpo jovem, onde a vitalidade e aparência são amplamente exaltadas como ideais inatingíveis para quem está envelhecendo.

Percebemos que está cada vez mais crescente o estigma associado ao envelhecimento o que também afeta a autoestima das mulheres, que muitas vezes internalizam as críticas que recebem online e pior ainda, elas mesmas se colocam numa posição de vulnerabilidade ao assumir suas inseguranças estéticas e etárias ao comentarem nesses posts. Em comentários como “tenho medo de envelhecer desde criança”; “definhando, não estou gostando de envelhecer”; “tenho 24 anos e já me sinto velha, atrasada na vida”; “tenho medo de envelhecer e perder minha beleza...” ou “gostaria de ter a coragem de me vestir assim” mostram que as próprias mulheres já têm interiorizado que envelhecer é a “pior” coisa que está acontecendo nas suas vidas.

4. Considerações finais

A cultura juvenil promovida pelas redes sociais impõe padrões estéticos que exercem uma pressão significativa sobre mulheres. Embora plataformas como TikTok ofereçam espaços para autoexpressão, elas também reforçam normas de juventude que desvalorizam o envelhecimento. A análise de conteúdo feita aos perfis de TikTok mostra que, embora exista uma tentativa clara de promover o empoderamento de mulheres, as redes sociais também refletem a pressão estética e o culto à juventude que permeiam nossa sociedade.

Se olhamos a questão da cultura vivida e registrada, também percebemos que existe um abismo utópico entre elas, uma vez que, notamos ser quase inalcançável esses padrões de beleza que a cultura registrada (TikTok) impõe a cultura vivida (vida real). A questão do etarismo, a pressão estética e o culto à juventude continuam sendo forças dominantes nas redes sociais, impactando a maneira como as mulheres são percebidas e como percebem a si mesmas, revelando uma forte tendência a estigmatização do envelhecimento e as dinâmicas de beleza contemporânea.

Na análise dos comentários dos vídeos, é possível observar como as usuárias se sentem pressionadas a seguir esses padrões, temendo ao envelhecimento e ao descarte social por seu corpo não estar adequado as novas normas sociais. Portanto, percebemos que a cultura

da juventude vem criando crescente sentimento de frustração e insegurança, evidenciando como a beleza está diretamente associada à juventude na sociedade contemporânea.

Referências

- BORDO, Susan. **Unbearable Weight: Feminism, Western Culture, and the Body** [O peso insuportável: feminismo, cultura ocidental e o corpo]. Berkeley: University of California Press, 2003.
- BUTLER, Judith. **Gender Trouble: Feminism and the Subversion of Identity** [Problemas de gênero: feminismo e a subversão da identidade]. New York: Routledge, 1999.
- BUTLER, Robert N. Age-ism: another form of bigotry [Idadismo: outra forma de preconceito]. *The Gerontologist*, v. 9, n. 4, p. 243–246, 1969.
- DUFFY, Brooke Erin; HUND, Emily. Gendered visibility on social media: navigating Instagram's authenticity bind [Visibilidade de gênero nas redes sociais: navegando no dilema da autenticidade no Instagram]. *International Journal of Communication*, v. 13, p. 4983–5002, 2019.
- ELIAS, Ana; GILL, Rosalind. **Aesthetic Labour: Beauty Politics in Neoliberalism** [Trabalho estético: políticas da beleza no neoliberalismo]. London: Palgrave Macmillan, 2018.
- FARDOULY, Jasmine; VARTANIAN, Lenny R. Social media and body image concerns: current research and future directions [Mídias sociais e preocupações com a imagem corporal: pesquisas atuais e direções futuras]. *Current Opinion in Psychology*, v. 9, p. 1–5, 2016.
- FEATHERSTONE, Mike. **Consumer Culture and Postmodernism** [Cultura do consumo e pós-modernismo]. London: Sage, 1991.
- FEIXA, Carles. **De Jóvenes, Bandas y Tribus: Antropología de la Juventud** [De jovens, bandos e tribos: antropologia da juventude]. Barcelona: Editorial Ariel, 2004.
- FOUCAULT, Michel. **A História da Sexualidade** [The History of Sexuality]. 2. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2008.
- GIDDENS, Anthony. **Modernity and Self-Identity: Self and Society in the Late Modern Age** [Modernidade e identidade: o eu e a sociedade na modernidade tardia]. Stanford: Stanford University Press, 1991.
- GILL, Rosalind. **Gender and the Media** [Gênero e a mídia]. Cambridge: Polity Press, 2007.
- GILL, Rosalind. Postfeminist media culture: elements of a sensibility [Cultura midiática pós-feminista: elementos de uma sensibilidade]. *European Journal of Cultural Studies*, v. 10, n. 2, p. 147–166, 2007.
- GILLEARD, Chris; HIGGS, Paul. **Cultures of Ageing: Self, Citizen, and the Body** [Culturas do envelhecimento: o eu, o cidadão e o corpo]. London: Prentice Hall, 2000.
- LASLETT, Peter. **A Fresh Map of Life: The Emergence of the Third Age** [Um novo mapa da vida: o surgimento da terceira idade]. Cambridge: Harvard University Press, 1989.
- MARWICK, Alice. **Status Update: Celebrity, Publicity, and Branding in the Social Media Age** [Atualização de status: celebridade, publicidade e construção de marca na era das redes sociais]. New Haven: Yale University Press, 2015.

- MICROBBIE, Angela. **The Aftermath of Feminism: Gender, Culture and Social Change** [O legado do feminismo: gênero, cultura e mudança social]. London: Sage Publications, 2009.
- O'NEIL, Catharine. **The Age Code: The Secret to Living Your Best Life at Every Stage** [O código da idade: o segredo para viver melhor em cada fase da vida]. New York: HarperCollins, 2020.
- ORBACH, Susie. **Bodies** [Corpos]. London: Profile Books, 2019.
- SONTAG, Susan. The double standard of aging [O duplo padrão do envelhecimento]. Saturday Review, 1972.
- TIIDENBERG, Katrin. **Selfies: Why We Love (and Hate) Them** [Selfies: por que amamos (e odiamos) essa prática]. London: Palgrave Macmillan, 2018.
- TULLE, Emmanuelle. **Ageing, the Body, and Social Change: Running in Later Life** [Envelhecimento, corpo e mudança social: correndo na vida madura]. Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2008.
- WOLF, Naomi. **The Beauty Myth: How Images of Beauty Are Used Against Women** [O mito da beleza: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres]. New York: HarperCollins, 1991.
- WOODWARD, Kath. **Ageing and Identity** [Envelhecimento e identidade]. London: Routledge, 1999.